

VOLUME I  
FASCICULO III

*Revista*

*Pedagogica*



PUBLICAÇÃO BI-MESTRAL  
DA \_\_\_\_\_  
ESCOLA DE A. ARTIFICES  
DO CEARÁ \_\_\_\_\_

## SUMMARIO

	PAGS.
<i>Barão do Rio Branco</i>	121
<i>24 de Maio</i>	123
<b>H</b> YMNOS ESCOLARES	
<i>Hymno da Proclamação da Republica</i>	125
<b>P</b> ANTHEON ESCOLAR	
<i>Joaquim de Oliveira Catunda</i>	127
<b>L</b> EITURAS CIVICAS	
<i>13 de Maio, do Dr. Luiz Correia</i>	129
<b>P</b> EDAGOGIA PRATICA	
<i>Geometria Pratica Primaria, de Od. Castello Branco</i>	131
<b>H</b> YGIENE ESCOLAR	
<i>A Hygiene nas Escolas, do Dr. José Azurdia</i>	140
<b>E</b> DIFICIOS ESCOLARES	
<i>Escola Normal</i>	144
<b>E</b> NSINO TECHNICO-PROFISSIONAL	
<i>Lições de Typographia, de Francisco R. Cavalcante</i>	145
<i>Ensino Profissional</i>	149
<b>M</b> ETHODOLOGIA	
<i>Os novos Methodos, do Dr. Luiz Correia</i>	150
<b>A</b> SSUMPTOS DIVERSOS	
<i>Evolução do Ensino Primario no Ceará, do Dr. Thomaz Pompeu</i>	154
<i>Lições de Gymnastica, do Tenente João de Gusmão Castello Branco</i>	159
<i>Lições de Cousas, do Dez. Pedro de Queiroz</i>	163
<i>Revista Pedagogica</i>	165



---

# REVISTA PEDAGOGICA

---

PUBLICAÇÃO BI-MESTRAL

DA

Escola de Aprendizes Artífices  
do Ceará



FORTALEZA

OFF. DA ESCOLA DE APRENDIZES ARTIFICES DO CEARÁ

1917

# REVISTA PEDAGOGICA

PUBLICAÇÃO BI-MESTRAL

DA

Escola de Aprendizices Artífices  
do Ceará



FORTALEZA

OFF. DA ESCOLA DE APRENDIZES ARTIFICES DO CEARA

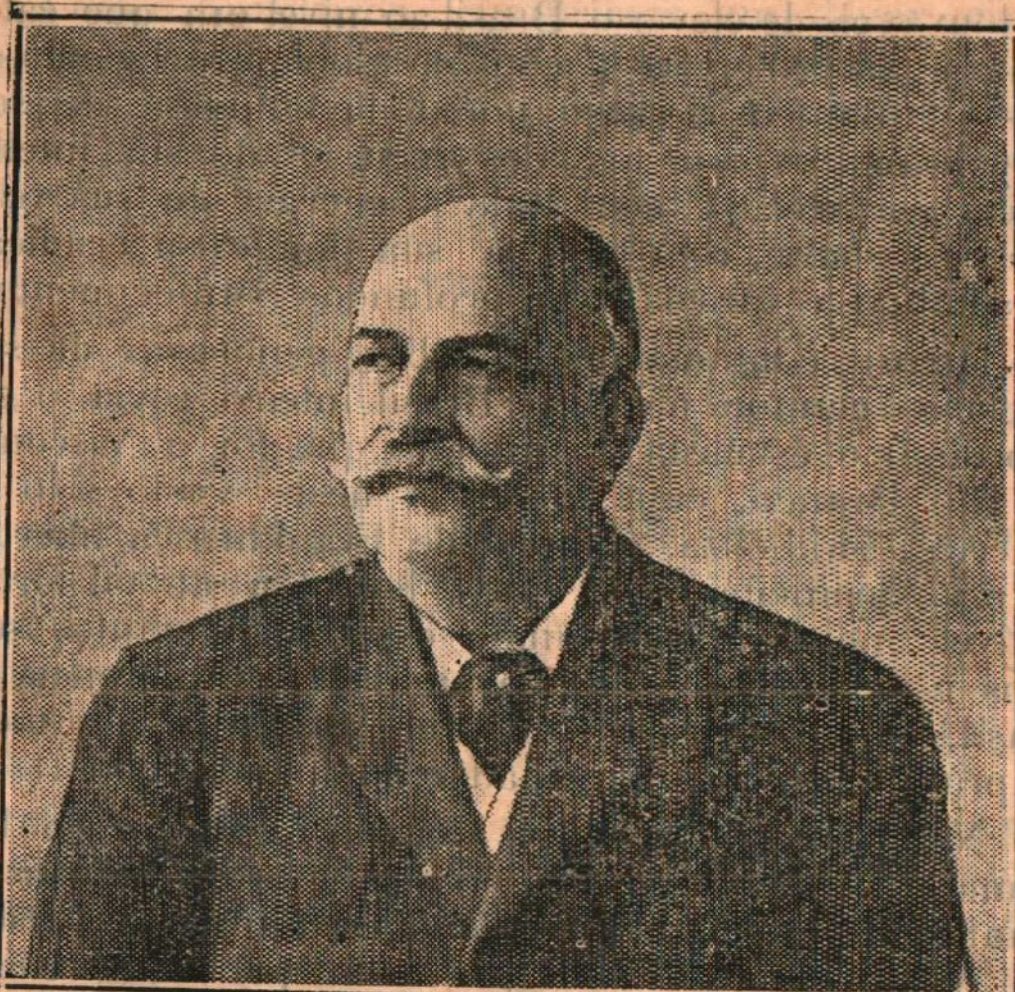
1917

# Revista Pedagógica

VOLUME I

Maio e Junho—1917

FASCICULO III



Barão do Rio Branco

Não é uma biographia que vamos fazer. Seria acanhada a moldura para esse brasileiro que sintetizava a Honra e era a encarnação viva do Dever.

Ahi estão na memoria de todos os seus esforços tão louvaveis de elevar o Brasil ao nivel em que categorizam as principaes nações do globo, entregando-se a esse tentamen glorioso com todo o ardor de seu temperamento, com todos os recursos de sua intelligencia esclarecida, com toda a energia de sua vontade persistente, com toda a sua immensa erudição e assombrosa variedade de profundos conhecimentos.

Digno continuador da obra generosa de seu preclaro genitor, nelle o Brasil inteiro revia o extraordinario estadista do imperio que foi o Visconde do Rio Branco, cuja memoria neste vasto solo da America, simboliza, como a de Franklim, a liberdade e a emancipação e que "levantou de tal forma o nivel moral de seu nome, espalhando tantos serviços e beneficios sobre a ampla circumferencia do Brasil, que se tornou, não um brasileiro de todas as provincias, mas um cidadão do mundo".

Na pasta do exterior deixou o Barão do Rio Branco traços inapagaveis do seu grande patriotismo e nunca desmentida clarividencia sendo notavel o desvelo, o devotamento sem par com que sempre cuidou dos interesses de nossa amada Patria naquelle alto posto de responsabilidades.

O vacuo que elle deixou difficilmente será preenchido, por isso que difficilmente num só individuo se vêem reunidos talento, illustração, perseverança e a intuição superior das coisas e dos factos, que é o caracteristico dos estadistas de raça.

Foi um brasileiro que teve, emfim, a vida cheia, vendo realizadas todas as aspirações que possam acalentar a alma de um homem.

Trabalhou abnegadamente pela prosperidade de sua Pátria e pelo bem-estar de seus concidadãos até os derradeiros lampejos de sua pujante organização mental, parecendo que a idade, longe de lhe diminuir o vigor do intellecto, dia a dia, augmentava as suas poderosas faculdades.

Como brasileiros, cumprimos um dever cívico apontando ás gerações que surgem o nome desse egregio patriota como o de um dos maiores benemeritos que o Brasil tem produzido, e o mais impeterrito defensor da integridade da nossa Pátria.

---

### 24 DE MAIO

Esta data é duplamente grata ao Ceará: lembra a libertação de todas os captivos do municipio de Fortaleza, em 1883, e a batalha de Tuyuty, a mais memoravel travada na America do Sul, em 1866, na qual ficou plenamente evidenciado o valor do soldado cearense.

Foi em consequencia de ferimentos recebidos nessa batalha sangrenta, que o bravo general Antonio de Sampaio veiu a fallecer, treze dias depois, a bordo do "Eponina", nas proximidades de Buenos-Aires.

Durante a guerra do Paraguay, onde o Deus dos combates corôou o Brazil com as mais brilhantes victorias, nenhum commetimento houve mais impetuoso, apenas em quatro e meia horas de fogo.

Os inimigos, completamente destroçados, deixaram no campo de acção 6.600 mortos, ficando 2.745 brasileiros fóra de combate.

Nesse feito glorioso patenteou-se, como acima dissemos, a bravura indomita do soldado cearense, praticando actos de extraordinario valor o 26.º de vo-

luntarios, o qual ficou quasi que por completo aniquilado.

Tiburcio era por esse tempo capitão e aos seus cuidados foi entregue a abertura de um fosso que devia abrigar um batalhão de infantaria.

Sampaio, que commandava a 3.<sup>a</sup> divizão,—que com a 1.<sup>a</sup>, ao manco do general Argollo Ferrão, formava a segunda linha do Centro—portou-se com heroismo inexcelsível, tombando afinal ferido pela fuzilaria inimiga.

O Ceará tem grande parte nos trophéos dessa victoria, a mais esplendida das armas brasileiras no Paraguay.

E' justa, pois, a satisfação que sentem nesta data os seus filhos, que se devem curvar reverentes ante a tumba que guarda os restos dos que pereceram, ha 51 annos, na defeza da Patria, lavando com o seu sangue a affronta atirada ao brio nacional.

Não menos grata deve ser aos cearenses recordar a libertação dos escravos do municipio da capital, esforço inaudito de um punhado de patriotas que emprehenderam e realizaram a mais bella e incruenta cruzada que a nossa historia consigna.

Ha 34 annos, nessa data memoravel, a Sociedade "Libertadora Cearense", em sessão publica, effectuada no edificio da Assembléa, declarou livres todos os captivos do municipio de Fortaleza.

Essa sessão, a que compareceu o que o Ceará possuia de mais elevado e nobre naquella epoca, foi presidida pelo commendador Antonio Theodorico da Costa, de honrada memoria, o qual era então 2.<sup>o</sup> vice-presidente da Provincia, em exercicio.



## Hymnos Escolares

### HYMNO DA PROCLAMAÇÃO DA REPUBLICA

(Letra de M. e Albuquerque)

(Musica de L. Miguez)

Seja um pallio de luz desdobrado  
Sob a larga amplidão destes céos,  
Este canto rebel que o passado  
Vem remir dos mais torpes labéos!  
Seja um hymno de gloria que fale  
De esperança, de um novo porvir!  
Com visões de triumphos embale  
Quem por elle luctando surgir

Liberdade, Liberdade  
Abre as azas sobre nós!  
Das luctas na tempestade  
Dá que ouçamos tua voz.

Nós nem cremos que escravos outrora  
Tenha havido em tão nobre paiz.  
Hoje o rubro lampejo da aurora  
Acha irmãos, não tyrannos hostis  
Somos todos eguaes! Ao futuro,  
Saberemos, unidos, levar  
Nosso augusto estandarte que, puro,  
Brilha, ovante, da Patria no altar

Liberdade, Liberdade,  
Abre as azas sobre nós !  
Das luctas na tempestade  
Dá que ouçamos tua voz !

Si é mister que de peitos valentes  
Haja sangue no nosso pendão,  
Sangue vivo do heróe Tiradentes  
Baptisou este audaz pavilhão !  
Mensageiros de paz, paz queremos !  
E' de amor nossa força e poder,  
Mas da guerra nos transes supremos,  
Heis de ver-nos lutar e vencer !

Liberdade, Liberdade,  
Abre as azas sobre nós !  
Das luctas na tempestade  
Dá que ouçamos tua voz !

Do Ypiranga é preciso que o brado  
Seja um grito soberbo de fé!  
O Brazil já surgio libertado  
Sobre as purpuras regias de pé !  
Eia, pois brasileiros, avante  
Verdes louros colhamos louçãos !  
Seja o nosso paiz, triumphante,  
Livre terra de livres irmãos

Liberdade, Liberdade,  
Abre as azas sobre nós !  
Das luctas na tempestade  
Dá ouçamos tua voz.

## Pantheon Escolar



**JOAQUIM DE OLIVEIRA CATUNDA**

Nasceu em S. Quiteria a 2 de Dezembro de 1834. Filho de Antonio Pompeu de Souza Catunda, e oriundo de antiga familia Riograndense do Ncrte.

Estudou perparatorios no Lyceu de Fortaleza tendo nesse intuito vindo em 1849 para casa de seu tio e padrinho o senador Thomaz Pompeu.

Por sentir vocação para a vida militar sentou praça em 1853. Seguiu nesse anno para o Rio de Janeiro, serviu no 1.º Batalhão de artilharia a pé, matriculou-se na Escola Militar em 1857, e della teve baixa em 1860 quando seguiu para Alagôas em commissão do Governo a demarcar as terras devolutas do Urucú, como agronomo.

Pretendendo depois um emprego publico, foi nomeado 2.º escripturario d'Alfandega, por concurso, em principio de 1862, 1.º escripturario da do Ceará, em 1862, logar que abandonou por ser nomeado professor de instrucção primaria no Ipú em 1867. No anno seguinte foi nomeado Official maior da Secretaria do Governo e em 1879 Secretario da Relação do Districto.

Joaquim Catunda foi professor de philosophia do Lyceu (1882) da antiga Provincia e professor de allemão da extinta Escola Militar do Ceará, representou a Provincia nos bienios de 1866—67, 78—79 80—81 e fez parte do Conselho de Instrucção Publica.

De de a proclamação da Republica representou seu Estado natal no Senado, do qual era 1.º Secretario.

Falleceu na Capital Federal a 28 de Julho de 1907.

Do DICCIONARIO BIO-BIBLIOGRAPHICO CEARENSE do Barão de Studart.

JOAQUIM DE OLIVEIRA CATUNDA  
 Nasceu em 2 de Outubro a 2 de Dezembro de 1831. Filho de Antonio Pompeu de Souza Catunda e oriundo de antiga familia Rio-grandense do Norte.  
 Estudou peripateticos no Lyceu de Fortaleza tendo nesse intuito vindo em 1849 para casa de seu tio e padrinho o senhor Thomas Pompeu.

PROBLEMA 14

108—Fazer um angulo igual a somma dos dois angulos A e B.

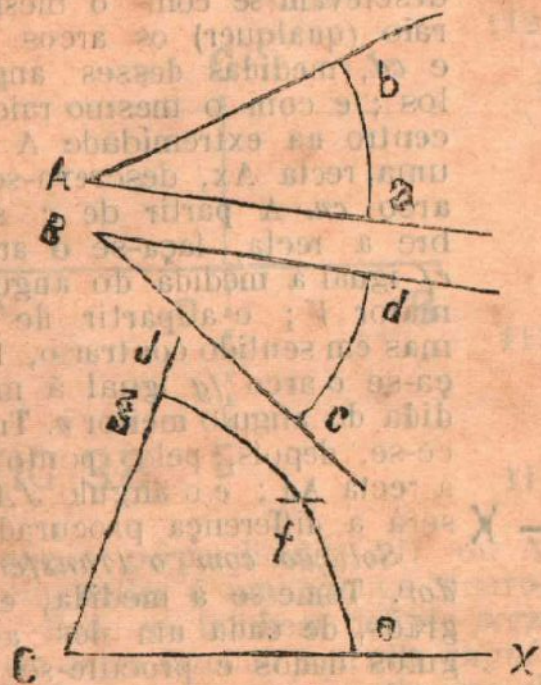


FIG 38

SOLUÇÃO COM O COMPASSO.  
 Dos vertices A e B dos angulos dados, descrevam-se, com o mesmo raio, dois arcos que terminem respectivamente nos dois lados de cada um, dando esses arcos as medidas dos mesmos angulos. Com o centro na extremidade C de uma recta Cx, descreva-se, com o mesmo raio, a partir da recta, o arco em; faça-se agora, neste arco, a porção ej igual á medida do angulo A e a porção fg igual a medida do angulo B. Trace-se finalmente, pelo ponto j, a recta GJ e o angulo JCx será a somma pedida.

SOLUÇÃO COM O TRANSFERIDOR. Tomem-se com o transferidor as medidas dos angulos dados; somem-se os grãos achados e construa-se outro angulo com o numero de grãos da somma.

PROBLEMA 15 ( numerico )

109—Achar a somma de dois angulos de  $50^{\circ} 47' 56''$  e  $49^{\circ} 18' 35''$ .

Solução. *Arithmetica Primaria*—3ª ed— pag 168.

Angulos dados	}	$50^{\circ} 47' 56''$ $49^{\circ} 18' 35''$ <hr style="width: 50%; margin: 0;"/> $100^{\circ} 6' 31''$
Somma		

PROBLEMA 16

110—Construir um angulo igual a differença dos dois angulos dados V e v.

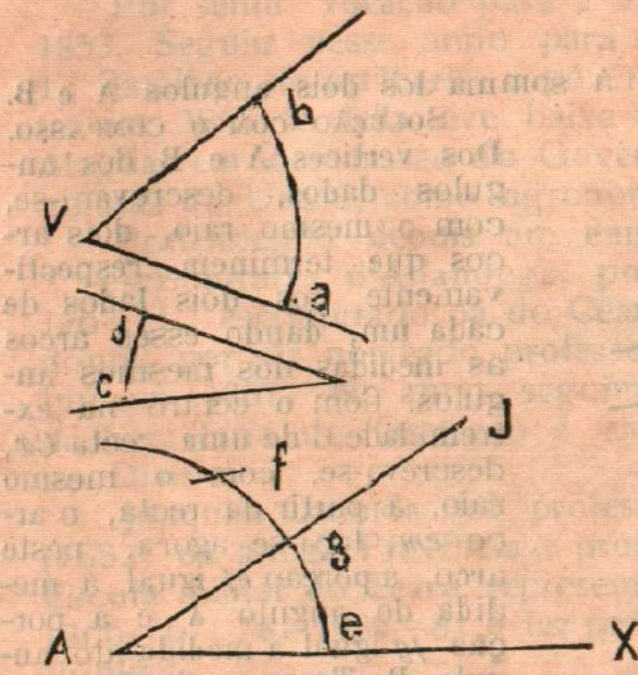


FIG 37

*Solução com o compasso.*  
 Com os centros nos vertices  $V$  e  $v$  dos angulos dados, descrevam-se com o mesmo raio (qualquer) os arcos  $iq$  e  $cd$ , medidas desses angulos; e com o mesmo raio e centro na extremidade  $A$  de uma recta  $Ax$ , descreva-se o arco  $cn$ . A partir de  $c$  sobre a recta, faça-se o arco  $ef$  igual à medida do angulo maior  $V$ ; e a partir de  $f$ , mas em sentido contrario, faça-se o arco  $fg$  igual à medida do angulo menor  $v$ . Trace-se, depois, pelo ponto  $g$  a recta  $AJ$ ; e o angulo  $JAX$  será a differença procurada.

*Solução com o transferidor.*  
 Tome-se a medida, em grãos, de cada um dos angulos dados e procure-se a

differença dos dois numeros encontrados; construa-se depois um angulo com o numero de grãos dessa differença e elle será o angulo pedido.

PROBLEMA 17 (numerico)

111.--Achar a differença de dois angulos de  $72^{\circ} 31' 22''$  e  $49^{\circ} 38' 37''$ .

Solução. *Arithmetica Primaria* 3.<sup>a</sup> ed.--pag. 169.

Angulos dados	$\left\{ \begin{array}{r} 72^{\circ} 31' 22'' \\ 49^{\circ} 38' 37'' \\ \hline 22^{\circ} 52' 45'' \end{array} \right.$
differença	

PERPENDICULARES E OBLIQUAS

§ 1.º DEFINIÇÕES

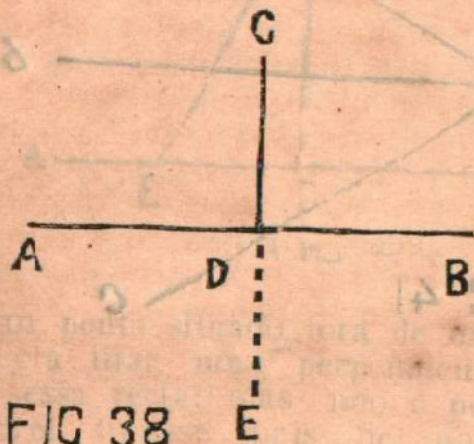


FIG 38

112—Uma recta é PERPENDICULAR a outra quando cahê sobre ella sem se inclinar nem para um lado nem para o outro.

A recta CD é perpendicular á recta AB ; da mesma forma, a recta AB é perpendicular á recta CD ou ao seu prolongamento DE.

113—Os dois angulos BDC e CDA que a perpendicular CD faz com a recta AB são iguaes; cada um delles é um ANGULO RECTO.

114—Assim tambem, são iguaes entre si os angulos BDC e BDE que a perpendicular AD ou AB faz com a recta CE ; cada um delles é um ANGULO RECTO.

115—Pode-se tambem definir *perpendicular* a recta que encontra outra fazendo com ella *angulos adjacentes* iguaes ( V. n.º 83 ).

116—O ANGULO RECTO pode ser definido tambem como o angulo formado por duas rectas perpendiculares entre si ( V. n.º 89 ).

117—Uma recta é OBLIQUA a outra quando cahê sobre a outra inclinando-se para um dos lados. A recta DC é OBLIQUA á recta AB.

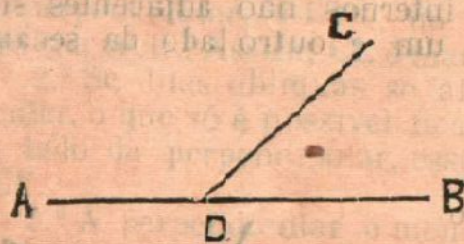


FIG 39

118—Os dois angulos adjacentes, em tal caso, são desiguaes; um agudo e o outro obtuso. Sua somma, porem, vale dois ANGULOS rectos ou 180º .

119—Pode-se tambem dizer que uma recta é OBLIQUA a outra quando forma com ella angulos adjacentes desiguaes.

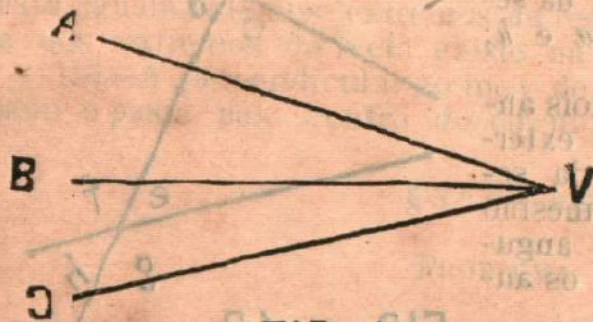


FIG 40

120 — CONVERGENTES são duas ou mais linhas que partido de pontos differentes vão se encontrar num ponto, quando sufficientemente prolongadas. O ponto de encontro é chamado *ponto de convergencia*. As rectas AV, BV, CV, são *convergentes*, V é o *ponto de convergencia*.

121—DIVERGENTES são duas ou mais linhas que partem de um ponto commum em direcções diferentes. O ponto commum é denominado PONTO DE DIVERGENCIA.

As linhas  $va, vb, vc$ , são divergentes;  $v$  é o ponto de divergencia.

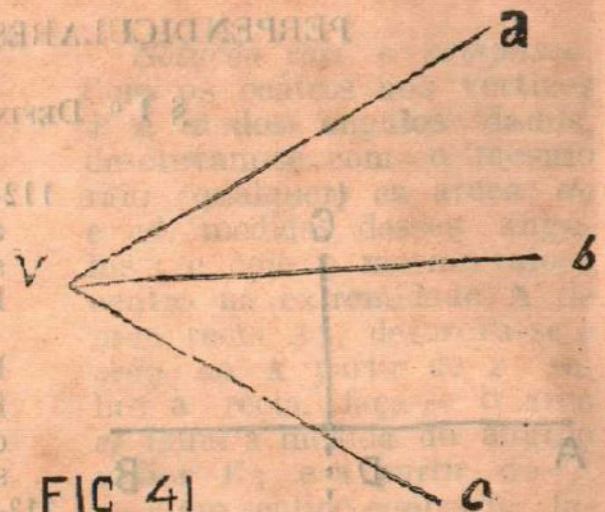


FIG 41

122—SECANTE é toda recta que corta figura. A recta  $AB$  é uma secante.



FIG 42

123—Quando duas linhas rectas são cortadas por uma secante, formam-se oito angulos; quatro dos quaes ficam dentro da figura e os outros quatro fora (fig 41).

124—INTERNOS são os quatro angulos que ficam dentro da figura:  $c, d, e, f$ .

125—EXTERNOS são os quatro angulos  $a, b, g, h$ , que ficam fora da figura.

126—ALTERNOS INTERNOS são dois angulos internos não adjacentes situados de um e outro lado da secante.

Taes são os angulos  $c$  e  $f$ ; taes são os angulos  $d$  e  $e$ .

127—ALTERNOS INTERNOS são dois angulos externos não adjacentes, situadas de um e outro lado da secante. Taes são os angulos  $a$  e  $h$ ; taes são os angulos  $b$  e  $g$ .

128—CORRESPONDENTES são dois angulos, um interno e outro externo, situados com o mesmo lado da secante, com as aberturas no mesmo sentido. Estão neste caso os angulos  $a$  e  $e$ ; os angulos  $c$  e  $g$ ; os angulos  $d$  e  $h$ .

129—INTERNOS DO MESMO LADO são

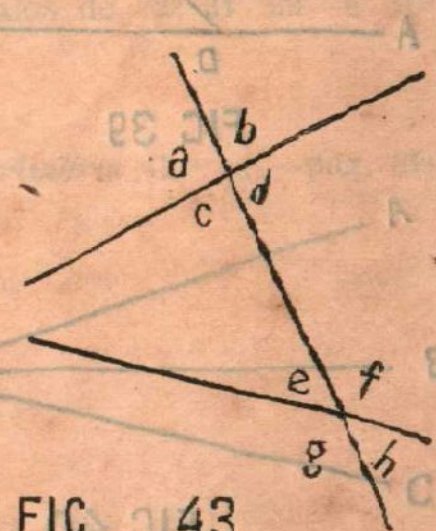


FIG 43



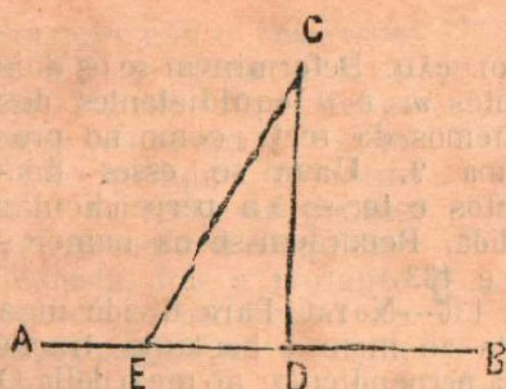


FIG 44

um ponto situado fora de uma recta tirar uma perpendicular a essa recta; mas não é possível tirar-se mais de uma. A recta CD é perpendicular à recta AB; mas qualquer outra recta que se tire do ponto C para a recta AB será obliqua a esta recta. Nestas condições está a recta CE.

132—Traçando-se do mesmo ponto para uma recta uma perpendicular e varias obliquas, verifica-se o seguinte:

1.º De duas obliquas, é maior a que se afastar mais do pé da perpendicular, isto é, do ponto em que a perpendicular encontra a recta. Assim, CE é maior do que CF.

2.º Se duas obliquas se afastam igualmente do pé da perpendicular, o que só é possível ficando uma de um lado e outra do outro lado da perpendicular, essas obliquas serão iguaes como CG e CF.

3.º A perpendicular é menor do que qualquer das obliquas.

4.º A perpendicular é a mais curta distancia do ponto para a recta.

133—Todo ponto situado na perpendicular ao meio de uma recta dista igualmente dos extremos da recta; e todo ponto equidistante dos extremos da recta existe na perpendicular ao meio d'ella.

134—A perpendicular ao meio de uma corda, divide o arco ao meio e passa pelo centro do circulo a que pertence o arco.

os *angulos internos* situados do mesmo lado da secante: como os *angulos a e e* e os *angulos d e f*.

130---EXTERNOS DO MESMO LADO sãc os *angulos externos* situados do mesmo lado da secante. Nestas condições estão os *angulos a e g* e os *angulos h e h*.

### § 2.º PROPOSIÇÕES

131---E' sempre possivel, por

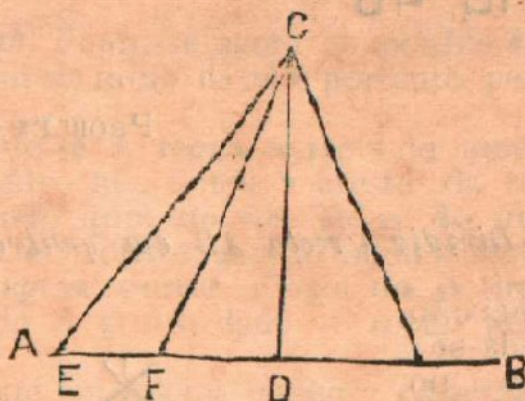


FIG 45

### § 3.º PROBLEMAS

#### PROBLEMA 18.º

135---Traçar uma perpendicular ao meio de uma recta AB ou levantar uma perpendicular ao meio da recta.

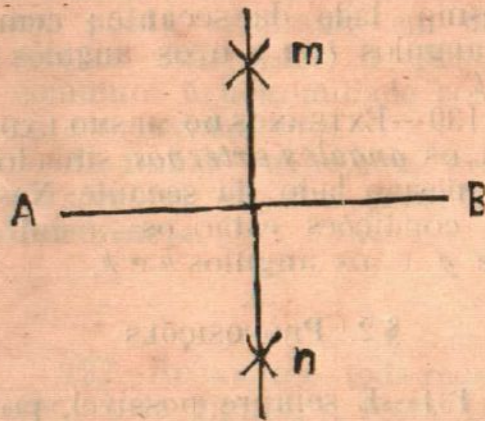


FIG 46

**SOLUÇÃO.** Determinem-se os dois pontos  $m$  e  $n$  equidistantes dos extremos da recta, como no problema 9. Unam-se esses dois pontos e ter-se-á a perpendicular pedida. Recorde-se os números 47 e 133.

136---NOTA. Para dividir uma recta ao meio é bastante traçar uma perpendicular ao meio della. O raio empregado qualquer; devendo apenas ser maior do que a metade da recta.

## PROBLEMA 19.º

137--Dividir a recta AB em quatro partes iguaes.

**SOLUÇÃO.** Divida-se, como no problema 81, a recta A B ao meio; e depois, pelo mesmo processo, divida-se ao meio cada uma das duas metades da recta

**OBSERVAÇÃO.** Pelo mesmo processo, po-

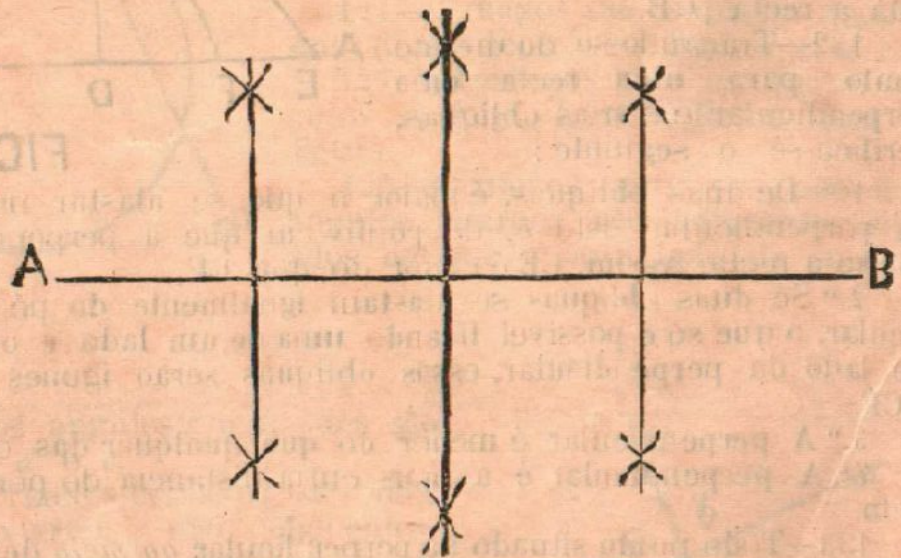


FIG 47

der-se-ia dividir a recta em 8, 16, 32.... partes iguaes.

## PROBLEMA 20.º

138--Por um ponto situado fora de uma recta tirar uma perpendicular á recta.

**SOLUÇÃO COM O COMPASSO.**  
 Seja  $CD$  a recta e  $k$  o ponto situado fóra della. Faça-se centro em  $k$ ; e com um raio qualquer, determinem-se na recta os pontos  $a$  e  $b$ : o ponto  $k$  é equidistante destes dois e portanto pertence à perpendicular ao meio da porção  $ab$  da recta dada.

Determine-se agora outro ponto equidistante dos pontos  $a$  e  $b$ ; e seja  $m$  esse ponto, o qual pertence também à perpendicular ao meio de  $ab$ . Unam-se agora os pontos  $k$  e  $m$  e ter-se-á a recta  $km$  perpendicular ao meio de  $ab$  e portanto perpendicular a  $CD$ .

**SOLUÇÃO COM O ESQUADRO.** Ajuste-se a regua á recta de modo que não façam nenhum angulo entre si; sobre a aresta da regua colloque-se o esquadro de modo que um dos lados do angulo recto escorregue sobre a regua e o outro lado do angulo recto alcance o ponto dado. Faça-se agora correr o lapis ou o tiralinhas ao longo desse lado unindo o ponto dado á recta pela perpendicular pedida.

*Obs.* Enuncia-se também este problema assim: «Abaixar de um ponto situado fóra de uma recta, uma perpendicular á recta.»

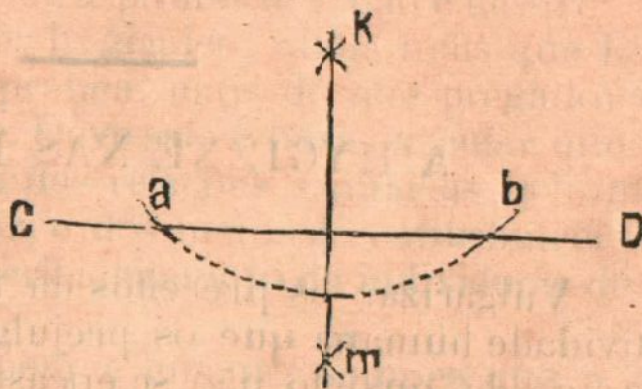


FIG 48

ODORICO CASTELLO BRANCO

## Hygiene Escolar

### A HYGIENE NAS ESCOLAS

Vulgarizar os preceitos da hygiene entre a collectividade humana que os prejulga com desdem e com desagrado, quando não se encastella nos seus viciosos habitos—é difficil tarefa, até ás vezes impossivel.

Devemos, por isto mesmo, emprehender esta vulgarização na escola, preparar a criança, dotando-a com um arsenal completo de conhecimentos praticos, de costumes bons e puros, de regimen severo na vida, para a lucta que, em defeza de sua saude, ha de manter contra innumeraveis elementos exteriores que o combatem e hão de combater-lo até a morte.

A hygiene é a sciencia social por excellencia.

Para aquilatar da importancia da hygiene, é mister que se saiba apreciar o seu alcance em favor do trabalho, da economia social, do adeantamento, do esforço e da moralidade do Estado.

São de lord Beaconsfield estas palavras « A saude publica é a felicidade do povo e a força do Estado ».

**O Mestre.**—E' elle o verdadeiro formador das sociedades e dos povos. Que n não recorda com satisfação a influencia suggestiva que na sua infancia ou na juventude, foi exercida pelo mestre ou professor, elle que abriu á criança o casulo do seu cerebro e rompeu o engaste do seu coração aos primeiros rudimentos da sciencia e ás primeiras emoções do elogio ou da censura?

Sabedoria, moralidade, aureola de gloria e de grandeza, de tudo isto cercavam ao mestre os nossos olhos para render-lhe homenagens de nosso respeito, do carinho e da admiração.

Essa influencia deve ser aproveitada em favor da hygiene psychica e da hygiene physica da criança. O

mestre que a não aproveitar em benefício dos seus educandos nasceu para outra profissão : não é mestre

O mestre deve ser hygienico, ainda mais que hygienista, isto é, ter a pratica, mais do que pregador dos principios da hygiene. Deve saber para executar que: «A hygiene é a sciencia das relações sanitarias do homem com o mundo exterior, e dos meios de contribuirem estas relações para o aperfeiçoamento do individuo e da especie».

Compreender bem e ensinar sempre que a hygiene não é sciencia especulativa e theorica, mas de uma constante, quotidiana e efficaz applicação.

Transporta-la pelo meio conducente mais apropriado á criança — ao lar, a officina, á egreja, enfim, a toda parte em que se confirmem pela pratica as vantagens explicadas em theoria.

Assim o mestre será o modelador da vida, ensinará como se imprime vigorosa intensidade á saude do corpo e como ha de regular-se a dynamica vehemente do espirito — opporá seguros diques ás molestias e abrirá amplas avenidas á intelligencia e á vontade. O mestre então formará homens, formará povos, será o primeiro impulsor do progresso e da solidariedade da especie.

**Instruir e educar o menino e a menina** — E' elementar o conceito de que instruir sem educar é trabalho improductivo. A hygiene declara hoje integralmente — depois de ter comprovado — que a educação deve impôr-se como condição fatal da vontade.

A educação, disse um tratadista de enfermidades nervosas—é a repetição inconsciente do consciente e eu diria: a educação é a mais sabia disciplina da vontade.

Bem se comprehende que educar é mais difficil do instruir. A educação como a instrução tem modalidades distinctas, tendencias differentes, conforme se trate de uma criança docil ou indocil: de alguma que fôr debil de vontade ou de um impulsivo, de um imbecil ou de um retardado.

**Hygiene do corpo.**—Como deverá o mestre praticar o ensino para que não infrinja a hygiene? Valho-me da opinião do sr. Marvá y Mayer para responder á inter-rogação.

— O mestre nasce; para ser mestre não basta saber; é preciso «saber ensinar». Axioma de pedagogia e verdade da hygiene que vamos analysar com estas considerações:

O esculptor calcula o blóco de que vae executar a sua obra d'arte; o pintor fixa a extensão na tela em que vae copiar a concepção de sua phantasia; o medico mede as forças vitaes do seu doente, para desenvolver o plano do curativo que lhe ha de dar triumpho; pois bem — o mestre deve de calcular o blóco, fixar a extensão da tela, medir as forças vitaes da materia prima que recebe — isto é, a criança, e harmonizar todos os elementos com o desenvolvimento que tem de dar aos seus propositos de ensino.

**Prevenir é combater as enfermidades.**—Empregae esta ou uma linguagem parecida para tornar pratica a hygienização da criança.

—Que criança é mais agradavel entre os vossos companheiros, a assejada ou a mal assejada?

A limpeza é o capital do pobre.

Não há o que mais afaste a sympathia do que o desasseio. A limpeza é o inimigo de todas as enfermidades. A maioria das molestias provêm do desasseio. As enfermidades contagiosas e as epidemias têm a sua origem na falta de limpeza.

Não bebaes nunca em copo em que tiveram bebido vossos irmãos, filhos ou mesmo paes.

Quando estiver lavado, elle não conterá mais os germens da bocca alheia que, não porque ainda que seja a de vossos, deixará de cauzar prejuizo.

Si os paes ensinarem esta pratica a seus filhos quantas enfermidades, a tuberculose, por exemplo, deixariam de se propagar nas familias!

O que vos digo dos copos, digo dos pratos, dos

guardanapos, dos lenços e de todos os objectos que possam dar occasião ao mais insignificante contacto.

Não beijeis as creanças, principalmente na bocca. Porque haveis de prejudica-las depositando nos seus labios indefesos os elementos deletérios que talvez existam em vós mesmos?

Não consentireis varrer fazendo poeira. Na poeira ha tantos germens prejudiciaes á saude que não é possível calcular. O pó penetrando algumas vezes em vossas narinas, na garganta, nos pulmões, pode causar desde o simples incommodo até a tosse violenta, inflamações e a tuberculose.

Não permitireis beber agua cuja pureza não seja garantida: deverão ser filtradas ou fervidas antes de usadas, arejadas tambem para que não deixem de possuir todas as suas propriedades hygienicas e portanto potaveis.

Pela agua, é que se propagam a febre typhoide, o colera asiatico e se adquirem difficuldades para a digestão, vermes intestinaes e outros incommodos que causam graves padecimentos.

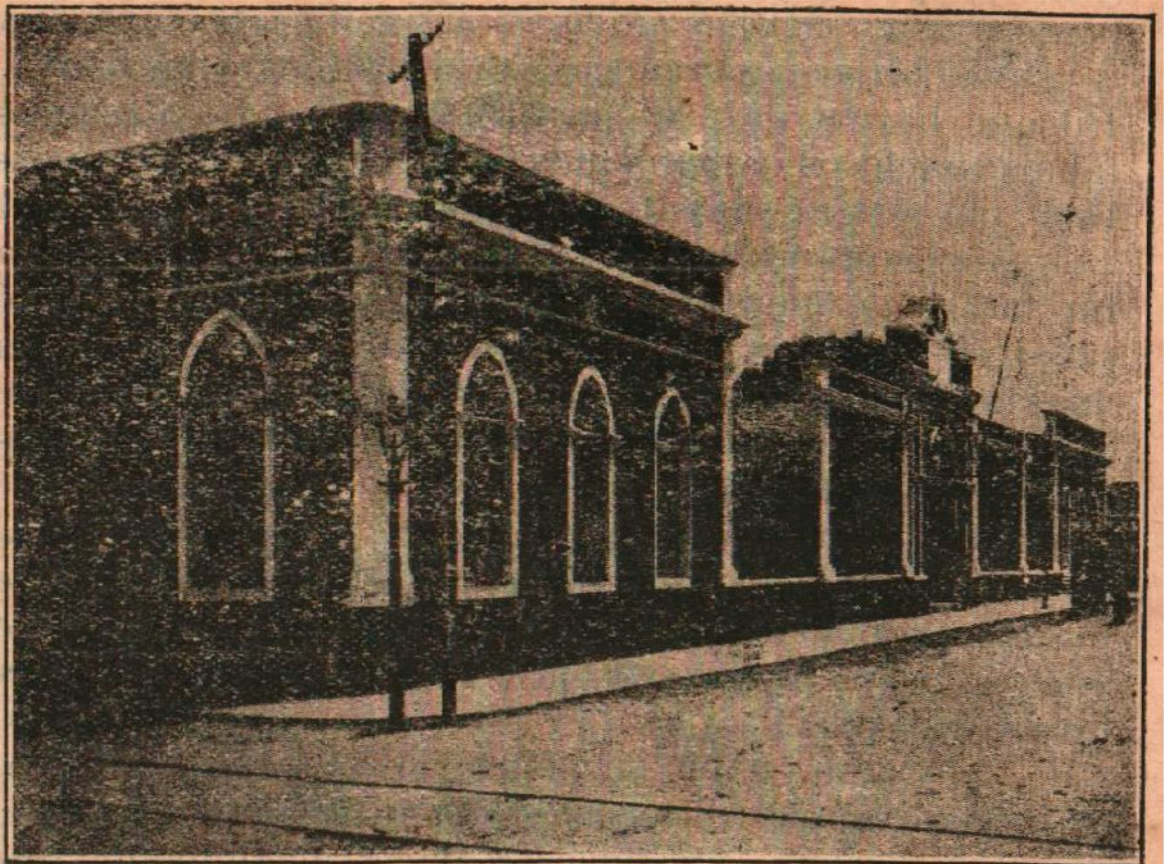
Não comeceis a comer sem ter lavado as mãos.

Attendei que as mãos acham-se em contacto sempre com os objectos e que tocam em germens perigosos para a saude propria e para a de outrem.

--- Nas creanças das escolas rurais este preceito é absoluto, de preferencia nas do litoral.

As mãos dos operarios, dos horticultores, dos jardineiros e de outros trabalhadores de terra são portadores de ovulos ou "cellulas de uns vermes que, si penetrarem no intestino de alguma creança ou de adulto e nelle se desenvolverem, chegarão a produzir a morte: é o "Anquilostoma".

*(Excerpto de uma Conferencia do Dr. José Azurdia, cathedratico em Guatemala, traduzida pelo Dr. Leopoldo de Freitas)*



### ESCOLA NORMAL

Creada pelo Regulamento expedido por acto de 23 de Agosto de 1881, em execução da Lei n. 1790, de 28 de Dezembro de 1870, foi inaugurada a 22 de Março de 1884.

Funciona, actualmente, em um proprio estadual á praça Marquez do Herval, lado sul.

E' seu director o illustrado cearense Dr. João Hippolyto de Azevedo e Sá, cathedratico de Physica e Chimica, Historia Natural e Noções de Hygiene Geral.



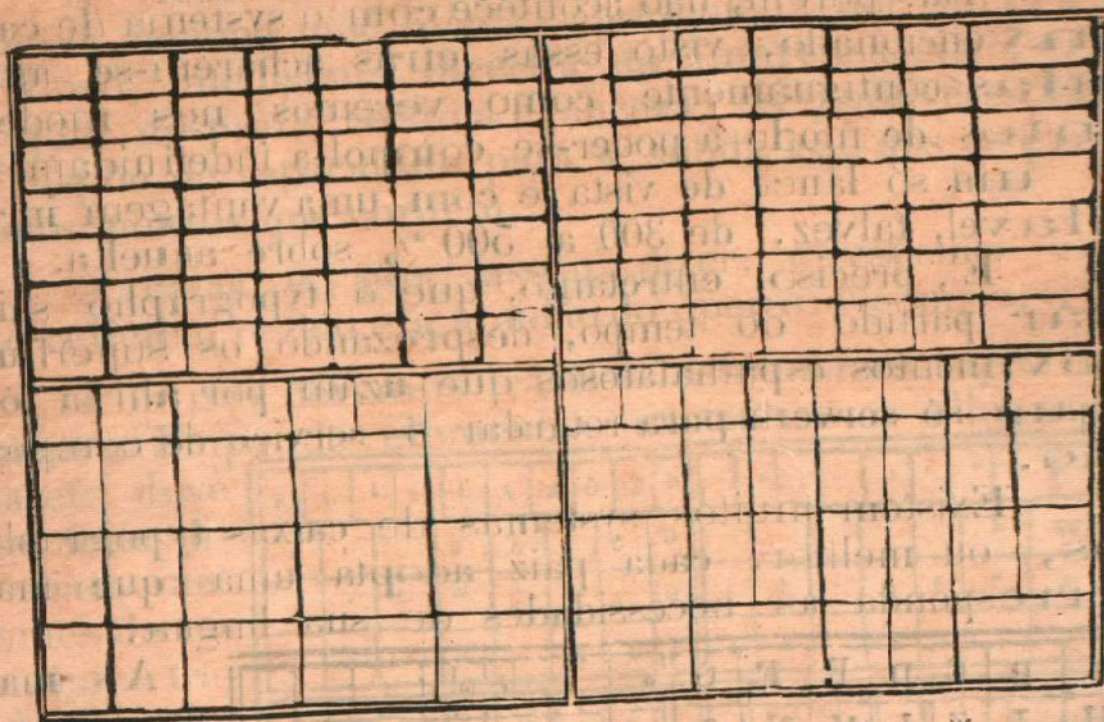
# Ensino Technico-Profissional

## LIÇÕES DE TYPOGRAPHIA

(Adaptadas ao programma de ensino da Escola de **Apren-  
dizes Artifices do Ceará**)

III

CAIXA



CAIXA ANTIGA PORTUGUEZA

Caixa typographica é um utensilio onde, convencionalmente, se dispõem todas as letras do alphabeto.

Resultou de uma combinação methodicamente organizada, pela qual se procurou approximar, umas das outras, as letras de emprego mais continuado.

Graças a ella é que o operario compositor poderá levantar, em media, cerca de 8.000 typos diariamente, o que jamais conseguiria se fosse distribuida segundo a ordem alphabetica.





Em qualquer systema a caixa typographica divide-se em duas partes : *caixa baixa* e *caixa alta* ou *versal* e estas subdividem-se em logares determinados chamados *caixotins*.

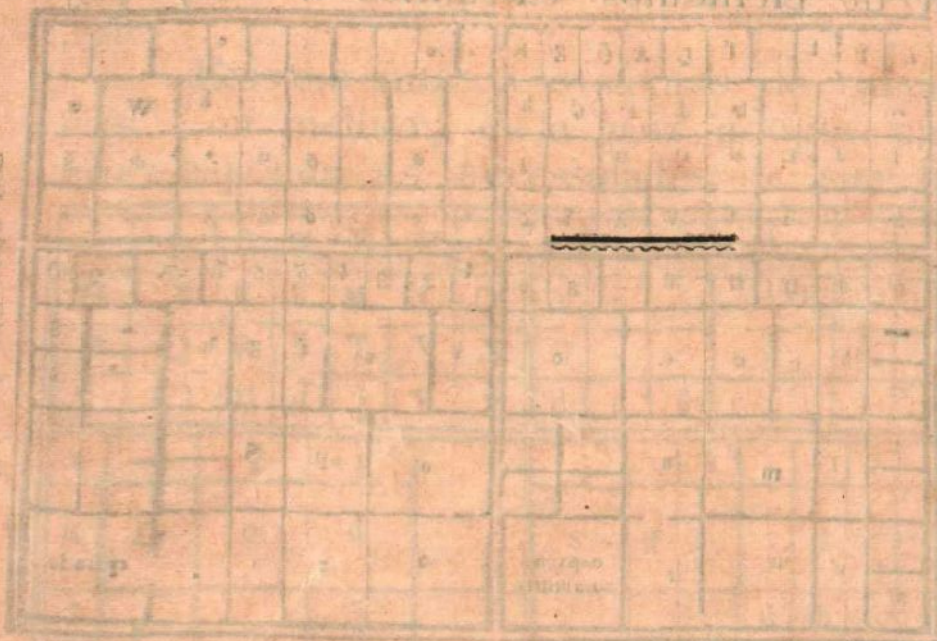
Na caixa baixa se distribuem as letras minusculas, a pontuação, os algarismos, os espaços communs e de justificação.

Na caixa alta ou versal as maiusculas, letras acentuadas e elevadas.

Por este motivo os dois alphabetos—minuscuro e maiuscuro—receberam respectivamente os termos technicos de *caixa baixa* e *versal* em razão da collocação e denominação da caixa typographica.

FRANCISCO RODRIGUES CAVALCANTE

Diagrama do tipo de caixa typographica



... pontos conforme se encontram no alfabeto. ...  
 que com este cuidado poderemos conseguir ...  
 mais rapido e por isso mais lucrativo ...  
 melhor a precisão que a justificação nos exige.

## O ENSINO PROFISSIONAL

O ensino profissional, posto em destaque desde o governo Nilo Peçanha e para cuja solução tanto concorreu a lei Alvaro Baptista e está concorrendo, no Districto Federal, a lei Azevedo Sodré, é, póde dizer-se, em toda a parte, o problema do dia.

A preocupação de utensiliagem e preparo do cidadão para sua independencia economica aborda mais do que uma simples questão pedagogica, mas uma outra de maior relevancia e mais largo ambiente de acção, a questão social.

Quem quer que examine, mesmo superficialmente, a situação do Brasil actual, não hesiará em apontar como causa fundamental dessa situação a falta de capacidade individual para a luta pela vida. A nossa economia e as nossas finanças, inconstantes e desequilibradas, sem expoentes logicos e estaveis, nada são mais do que totaes e reflexos nacionaes.

Para esse resultado concorre e tem concorrido o modo pelo qual as nossas escolas preparam os homens de amanhã, dando-lhes uma cultura mais ornamental do que efficaz.

A educação technica, feita nas escolas profissionaes, como prolongamento necessario e logico da escola primaria, é um dos mais seguros elementos de exito, não só porque proporciona recursos immediatos de independencia economica, como sobretudo, reveste aquella mesma cultura, até agora ornamental, de um cunho de verificação experimental que transforma a simples cultura decorativa em uma expressão de conhecimento solido. A escola profissiona, mais ainda de que o preparo de operarios para a industria, começa a ser um concorrente, para transformar-se futuramente num substituto do nosso desprestigiado ensino secundario, cada vez mais obsoleto e que cada vez menos ensina, mesmo o que prescreve a propria letra dos seus programas e onde, se alguma coisa se consegue, aliás bem pouca, é só no terreno literario.

O ensino scientifico é ahí tambem feito em fórmula litteraria, pela tradição oral da cadeira ou na fé dos compendios autoritarios.

De ta sorte o ensino secundario foi perdendo a pouco e pouco qualquer expressão individual, para ser um detalhe, um accessorio: a transição, por via de um exame perfunctorio e incapaz de constituir prova de eficiencia, para os cursos academicos, onde cedo se fazem sentir a fraqueza e a inconsistencia do material basico e essencial desse curso. Sem prejuizo da cultura litteraria, a escola profissiona será uma fórmula de educação experimental, cuja falta nos estudos de humanidades, poucos engenheiros e medicos, principalmente, não têm sentido durante o seu tirocinio academico. (Da Gazeta de Noticias).

## Methodologia

### OS NOVOS METHODOS

Pelo chamado methodo analytic, cujas vantagens praticas são muito proclamadas, depois que a creança consegue ler um certo grupo de palavras, começa o professor a lhe tornar conhecidas as syllabas e as letras que entram na sua composição. E, assim, dá-lhe a conhecer todas as vinte e cinco letras do alphabeto e, depois, as syllabas e as novas palavras resultantes da sua combinação.

Onde, pois o principal merito do systema analytic, se vem fatalmente a confundir-se com o systema que teve em vista abolir? Parece até, que faz chegar ao mesmo ponto por um caminho mais complicado.

Si o novo methodo permittisse a leitura e a escripta independentemente do conhecimento parcial das syllabas e das letras, seria, não ha duvida, invejavel. Pela forma, porem, por que realiza o seu fim, nenhuma vantagem lhe encontramos sobre o methodo, que pretendeu supplantar e fazer desaparecer.

Essas considerações expomos sem lhes attribuir o character de indiscutiveis, mormente quando professores, tao dignos quanto competentes, preconizam o methodo que combatemos.

Transcrevemos, aqui, sobre este assumpto, o prefacio da nossa «Cartilha infantil», dedicada aos pequenos escolares, tendo por base o methodo progressivo e easino simultaneo da escripta e da leitura.

Pronunciamos uma palavra emitindo um ou mais sons: a cada uma dessas emissões da voz corresponde uma syllaba. Claro está que escrever uma palavra fallada ou lèr uma palavra escripta, corresponde á escripta ou leitura das syllabas que a compõem. Sem o conhecimento das syllabas, sobre não ser logico e natural, difficilmente se poderão escrever palavras que pronunciamos ou ler as palavras que outros escreveram.

E como, por sua vez, uma syllaba se representa graphicamente por meio de caracteres especiaes, chamados letras, pelo conhecimento destas deve começar o ensino dos que se destinam a aprender a escrever e a ler.

Conhecer primeiramente as letras, adquirir depois o conhecimento das syllabas, é o caminho natural para chegarmos á escripta e leitura das palavras, assim como sem a pratica da leitura de vocabulos izolados não poderemos ler com facilidade e correctamente phrases e periodos.

Não procede o seguinte argumento em contrario:

« A gradação psychica que, segundo a observação, manifesta o cerebro para a accuisição da fala é :

- 1.º ouvir para entender.
  - 2.º entender para falar.
  - 3.º falar por haver entendido e, por conseguinte, o processo a seguir para o ensino da leitura, deve ser :
- 1.º ver para entender.
  - 2.º entender para ler.
  - 3.º ler por haver entendido.

O methodo da palavrção despreza em seu inicio os elementos phonicos do vocabulo, habituando o espirito da creança a reconhecer em cada termo o signal de uma idéa, isto é, habitual-a a ver para entender; tornado conhecido da creança o maior numero de termos e provocado ao mesmo tempo o jogo das suas faculdades mais activas, ella é levada a *entender para ler*, finalmente, como consequencia de todo o esforço despendido, o seu espirito assimila os pensamentos apresentados graphicamente.»

Discordamos, em principio, pois que não encontramos esta estreita relação entre o modo, por que uma creança aprende a falar, e a maneira, por que deve aprender a lêr.

Achamos que, do processo natural mediante o qual aprendemos a lingua materna, a illação unica a tirar-se é a que determina seguir-se um processo identico para aprendermos outros idiomas. E é precisamente por isso que tão bons resultados tem colhido o methodo de Berlitz, hoje universal.

Si quizermos dar um cunho logico e natural ao processo a ser adoptado para o ensino da leitura e da escripta, devemos nos approximar, quanto possivel, da fórma por que o engenho humano se encaminhou no sentido de alliar á linguagem fallada a linguagem escripta. Passada a phase dos hieroglyphos, foi creando symbolos e combinando-os na representação dos diversos seus componentes da palavra, que o homem conseguiu a graphia dos seus pensamentos. Uma vez expressos estes por meio da escripta, facil lhe era, depois, a leitura dos mesmos, isto é, a leitura do que escrevêra ou outros haviam escripto. D'ahi porque insistimos em chamar—methodo de escripta e leitura, de preferencia a—methodo de leitura e escripta.

Em vez de *ver para entender, entender para ler, e ler por haver entendido*, deve a creança :

- a) conhecer as letras para poder escrever ;
- b) escrever por conhecer os elementos graphicos da palavra ;
- c) ler por por haver escripto.

A ordem natural do ensino é a escripta e a leitura, não a leitura e a escripta. Praticamente o que se deve fazer é o seu ensino simultaneo.

O methodo, que seguimos e aconselhamos, approxma-se muito de perto do methodo denominado da moderna soletração ou phonico, tambem chamado de Port-Royal, de que se nos diz :

O methodo do ensino de sons mostra ao menino não as letras izoladas, como na escripta, mas sons e articulações como na palavra falada.

Apresentando-se-lhe a palavra - chocalho,---por ex. elle a decomporá do seguinte modo: cho-ca-lho».

Como se vê o methodo de Port-Royal não despreza, como o methodo analytico, o conhecimento previo das letras do alphabeto.

Não nos digam que os pedagogos americanos proclamam as vantagens do methodo analytico, isto é, da palavração, segundo o qual a creança aprende a ler palavras antes de conhecer as syllabas e até as letras de que se compõem. Não podemos proclamar arbitrariamente as vantagens advindas para o idioma portuguez de um methodo seguido com utilidade no ensino da lingua ingleza. Nesta, quasi que cada palavra tem a sua pronuncia propria e em cada vocabulo a metade das syllabãs é pronunciada, ás vezes, imperceptivelmente. D'ahi, por conseguinte, poder ser util para o ensino da leitura ingleza o maior conhecimento possível de cada palavra em particular. Já o mesmo não se dá na formosa lingua portugueza, em que é grande a uniformidade na pronuncia das palavras e em cada palavra se pronunciam distinctamente todas as syllabas que a compõem.

Muito pouco, é possível. lucrará um professor americano ou inglez explicando aos seus alumnos que o *o* dobrado se pronuncia como o *u* portuguez, ex. na palavra *good* (lê-se *gud*), pois lhe surgirá logo a palavra *blood* [lê-se *blad*], em que o mesmo *o* dobrado tem o som de um *a* breve. O *a* seguido do *l* dobrado (*all*) tem tres pronuncias: ex. *allay* (pron. *allei*), *ball* (pron. *bol*), *pall-mal* (pron. *pel-mel*).

Admite-se, pois, que seja em inglez preferivel ensinar a ler as palavras antes de decompo-las em syllabas. O mesmo, não acontece em portuguez. A syllaba *pa* tem a mesma pronuncia em *pala*, em *garapa* e em *sepala*.

Não se transplantam, indifferentemente, de um paiz para outro leis e costumes, systemas e methodos.

O methodo de ensino que tem por base o conhecimento previo das letras e das syllabas é natural, logico, fecundo, proveitoso. O que se impõe, não é a sua reforma: é amenizal-o, tornal-o menos arido e mais agradável, em proveito da memoria, da vivacidade, da saude mental, enfim, das creanças.

## II

Deverá ser o primeiro trabalho do mestre fazer com que as creanças conheçam e se familiarizem com as letras do alphabeto, para tal não se impõe a permanencia desses methodos grosseiros, segundo os quaes, ainda hoje, certos mestres escolas, arvorados em carrascos, introduzem vinte e cinco letras no cerebro das creanças, ao troar da palmatoria e ao es-



guir dos gritos e dos ralhos. Nem isso e nem, depois, a loda monotonica da repetição inconsciente e automatica do classico *b a, ba*.

Nada disso ou, por outra, tudo isso por um methodo mais racional, sem sacrificio da saude mental das creanças e sem essa ostentação grosseira da ignorancia e dureza d'alma de pseudo-preceptores da infancia.

Abramos a nossa cartilha de primeiras lettas, junto á letra inicial do alphabeto encontramos a linda gravura de uma arca. O professor, despertando interesse á creança e ao mesmo tempo causando-lhe uma certa alegria, descreve-lhe o que vem a ser uma arca e conta-lhe, mesmo, a lenda biblica da arca de Noé. Faz-lhe ver que a letra de — arca— é o *A*, ali a sua esquerda. Mostra-a no livro e a reproduz na pedra. Não é preciso dizer-lhe que nome lhe corresponde ou, por outra, o nome da letra. Deve conseguir, apenas, que a creança grave a forma da letra.

Seguirá esse methodo até o *Z*. E todas as vezes que perguntar á creança qual a letra da *Bola* ou do *Gato*, esta indicará no livro ou escreverá na pedra *B* e *G*. Depois que a creança conhecer a letra correspondente a cada figura, desde a arca até a zebra ou zebú, começará pacientemente o professor a ensinar-lhe o nome de cada letra, explicando-lhe que a letra da arca pronuncia-se ou chama-se *a*; letra da bola, *b* e assim successivamente. A creança, que já sabia reproduzir as lettras na pedra, passa agora a conhecer-lhes os nomes. E, assim, escreve e lê todas as lettras do alphabeto, já não será preciso o professor recorrer as figuras, que ficam postas á margem. Não se mandara mais a creança escrever na pedra a letra da arca ou da bola e sim o *A* e o *B*.

Teremos, assim, desde o inicio, «associado sempre, e com a maior vantagem, o ensino da escripta ao da leitura», assim como não podemos prescindir do «eficaz auxilio do desenho, já para que o alumno comprehendá bem o assumpto de que se vae occupar, no que depender da intuição; já para despertar-lhe o desejo de saber, a cerca do mesmo assumpto, o que o desenho lhe não pode dizer.»

Alguns condemnam o ensino do alphabeto em seu conjuncto. Aham que deverá ser ensinado em parcellas, isto é, aos grupos de lettras, amenizando o conhecimento destas com o ensino de determinadas palavras. Tal pode ser empregado, mas não parece inconveniente que a creança, ao passar para syllabas e palavras, vá familiarizada com as vinte e cinco estrellas da constellação do alphabeto.

Continúa.

LUIZ CORREIA

## Assumptos Diversos

### EVOLUÇÃO DO ENSINO PRIMARIO NO CEARÁ

#### II

Verdadeiramente as escolas, restrictas ás cathedraes e aos mosteiros, instituidas com o fim exclusivamente religioso, não offereciam aos leigos, segundo Muratori (30) e Hallam (31), facilidades, nem estimulo. Eram sementeiras para preparação de clerigos ou de pessoal officiante nas egrejas.

A instrucção popular propriamente dita não existia, pela simples razão de que o povo—a arraia miuda—vivia como paria, acabrunhado de alcavalas, embrutecido, engolphado em superstições grosseiras, dominado pela Igreja que lhe fazia sentir o jugo por todas as formas.

“A moral pervertera-se. O dever reduzia-se a algumas praticas supersticiosas; peccados imaginarios eram classificados como crimes reaes. Tornaram-se ferozes os costumes. Por penalidade conheciam-se tão somente torturas e suplicios. Os grandes principios de caridade e de fraternidade universal reduziram-se a letra morta e a ordem material resumia-se numa palavra: a miseria” (32).

Em tal estado de cousas, a influencia do clero tornou-se decisiva e preponderante, crescendo a medida que esses males se aggravavam. O povo ignaro, reduzido á penuria pela conquista arabe e depois pelos mosteiros e senhores solarengos, cahio na barbaria e por cem annos viveu sem artes, sem commercio, sem literatura, como observa Buckle.

“Quanto mais crescia a ignorancia, mais augmentava a superstição, e por esta fortificava-se a autoridade dos clerigos.

O que aconteceu foi perfeitamente natural: a invasão mahometana empobreceo os christãos; a pobreza gerou

30) Muratori—*Dissert.* 43.

31) Hallam—*ob. cit.* v. 4, p. 39.

32) Larousse—*dict. universel*, palavra *éducation*.

a ignorancia, a credulidade, e esta, roubando aos homens a faculdade e o desejo de comprehenderem por si sós, gerou o espirito de veneração e confirmou esses habitos de submissão e obdiencia cega para com a Egreja, o que infelizmente caracteriza peculiar e dominantemente a historia dos espanhoes e portuguezes (33).

Todo o esforço dos primeiros reis portuguezes consistio em expulsar os mahometanos da peninsula, e mais tarde reduzir os judeos ao christianismo pela inquisição, que desde 1242 fôra introduzida no reino de Aragão. A fé era tudo; e para os reis christãos o expurgar seus dominios da herezia ou do judaismo era obra mais meritória do que expor os subditos, por curiosidade scientifica, a cair em peccado (34). Todo saber consistia em preservar a alma das tentações do demonio, e preparal-a para o gozo da eternidade no seio de Deus. Ora, só uma sciencia correspondia a esse intuito, a theologia, ensinada pela egreja. Nella estava toda a verdade, a unica incontroversa, por proceder directamente pela revelação da propria divindade. Afadigar-se em procurar outra, derivada de fonte suspeita, qual a razão, sujeita a innumerados desvios e a influencias maleficas, fôra, alem de inutil e penosa, tarefa perigosa, senão comprometedora á salvação das almas.

Eis porque os conventos se multiplicaram, regorgitaram de monges. Na Espanha o numero destes attingio em 1623 a mais de 54000 só em duas ordens monasticas. (35) As ordens mendicantes propagaram-se rapidamente em quanto empobreciam as classes laboriosas, que cultivavam o solo, quasi a unica fonte de riqueza desse tempo.

33) Buckle—*History of civilis. in England*—cap. xv.

34) Prescott, referindo-se a Isabel a catholica diz:—"She engaged in it (na guerra contra hereticos) with the most exalted views (less acquire territory than to reestablish the empire of the Cross) *Hist. of Ferdinand and Isabella*, t. 1 p. 392], Sua vida—de Isabel—foi quasi exclusivamente consagrada em fazer triumphar a cruz sobre o Crescente—Mariannal—*Hist. de España*—t. v. p. 51 52.

35) Em 1626 as Cortes de Madrid dirigiram ao rei uma petção na qual mostravam o excesso de conventos e de monges: "Que las rri-giones eran muchas, las mendicantes en exceso, y el clero en grand multitud. Que aua en España 9088 monasterios, aun no contando los de monjas. Cepedes (*Hist. de Don Felipe IV*, lib VII, p. 272). En este año tenian las ordenas de S. Domingoe en España 32000 religiosos, y los obispados de Calahorra y Pamplona 24 000 clergos: pues que tendran las demas religiones, y los demas obispados? Davila—*Hist. de Felipe III*, liv. II, p. 215. Bucke—*Hist. of. civil. in Engl.* cap. xv.

Guerra e superstição, instabilidade material e depressão intellectual eis em synthese as condições sociaes europeas desde o século quinto ao decimo quinto, apenas intervaladas pela segunda renascença litteraria do século XII com a fundação das Universidades.

Alargara-se com estas o ensino superior "abrindo as primeiras portas ao trafego intellectual. O elemento secular, recebendo a vida do elemento ecclesiastico, adquirira forças, e não tendo passado um seculo, julgava-se ainda de baixo da tutela quando era já um poder emancipado, no dizer de A. da Costa (36)

Bolonha iniciara em 1158 o ensino do direito romano. Paris se lhe seguira, e successivamente Padua, Piza, Roma, Salamanca, Oxford, Cambridge e muitas outras cidades imitaram aquella universidade italiana. "Assim, escreve A. da Costa, a Europa creava com aquelle impulso successivo, mais do que a sciencia, que é a seiva das grandes instituições nascentes" (37)

O abalo dado pelas cruzadas, pondo em communição o occidente embrutecido com o Oriente, depositario das letras classicas, afinal repercutio em Portugal com a criação da universidade de Lisboa em 1288, transferida em 1307 para Coimbra.

As universidades, originadas das necessidades que aquella approximação trouxera, impozeram-se aos papas, reis, mosteiros, cidades, associações, professores e estudantes (38). Ao periodo febril e instavel das baronias feudaes succedia o da concentração dos poderes na realeza, trazendo a relativa pacificação, que incrementou a formação da riqueza, por meio das relações commerciaes, favorecidas pelo estabelecimento das feitorias ou consulados no Mediterraneo e depois em outros mares.

Era o inicio da emancipação leiga, se bem que o ensino universitario permanecesse nas mãos do clero, e fosse na sua totalidade exclusivamente ecclesiastico, salvo o direito romano, substituido em breve pelo canonico, e a medicina, ensinada em parte pelos preceitos hypocraticos ou galenicos.

Sê na classe superior da nação se iam encaminhando as letras para restauração do classismo, raras luzes transpunham os umbraes da igreja; a massa geral da popula-

36) D. A. da Costa—*ob. cit.* pg. 29.

37) *Ibid.* p. 30.

38) Savigny—*Hist. du droit romain au moyen age*, t. III

ção continuava inculta e a ella mal aproveitara a segunda renascença das letras.

A Reforma religiosa, porem, veio a tempo de incitar e impulsionar a propria Igreja e o Poder civil a se interessarem pela instrucção primaria.

“Tornando o homem responsavel de sua fé e collocando a fonte desta fé na Escripura Santa, a Reforma contrahia a obrigação de pôr ao alcance de cada pessoa os meios de salvação pela leitura intelligencia da Biblia”. (39) O principio fundamental da Reforma, de que a fé deve ser individual, como a responsabilidade, continha em germen uma revolução pedagogica” (40).

Luthero, com a sua vivaz iniciativa, tornou-se o campeão da escola elementar. Para elle a escola era o unico meio pratico de instrucção, e como tal devia ser imperiosamente ordenado não só pelos interesses da Igreja como pelos do Estado. Ao magistrado cumpre o dever de impol-a aos que a devem frequentar” (41).

“Saiba cada um, dizia Luthero, que se torna culpado contra Deus não educando no seu conhecimento e temor os filhos que elle lhes deu”.

Aos que objectavam terem necessidade dos filhos para ajudar a trabalhar, respondia: “persuado-me que se mandares teu filho a escola durante duas horas por dia e se o guardares o resto do tempo contigo, elle poderá aprender bem o seu officio e tornar-se alem disto outra cousa; porque a nação é jovem e pode esperar”.

Ao reformador allemão, nada se affigurava mais util e nobre do que o professorado. “Se eu não fosse ministro do Evangelho, dizia elle, quizera ser mestre de escola; pois, depois do santo ministerio, não ha tarefa mais util, maior e melhor. Verdadeiramente entre as duas não sei qual a mais valiosa”.

A campanha contra o analphabetismo foi levada com tanto ardor e esforço, que o proprio Luthero, alem de se dirigir ao clero e aos magistrados, incitando-os a criar escolas, tomou o encargo de escrever cathecismos e abecedarios destinados ao ensino.

O começo do seculo 16 recebia esse impulso reformador, que dentre em pouco se propagou por todos os paizes que adoptaram o protestantismo. Em 1573 o poder civil

39) P. M. Bréal—*Quelques mots sur l'instruct. pub.* p. 75

40) Compayré—*ob. cit.* V. 1 p. 143

41) Monnier—*Instruct. popul. en Allemag, et en Suisse*, p. 2.

apodera-se da instrução e de accordo com o elemento religioso diffunde-a largamente pelos paizes allemães (42)

Bugenhagen, pastor de Wittemburg e companheiro de Lutero, percorre o norte da Europa, esforçando-se para que ao lado de cada igreja haja uma escola. Na sua constituição, o ducado de Brunswick, (1542) depois imitada pelos Estados protestantes, prescreve que "o sacristão deverá sempre poder ensinar nas escolas" (43)

Nos paizes catholicos allemães o ensino ficou descuidado, "as escolas celebres da Moravia desapareceram pela perseguição religiosa, e os professores allemães tornaram-se suspeitos ao poder *como propensos á abrir a porta a heresia*. Os piaristas, congregacionistas de uma ordem especial, conseguiram moftinos resultados, enquanto os jesuitas nas mãos dos quaes estava concentrada a educação publica (na Austria), não tinham produzido obra fecunda e muito se desleixaram da instrução do povo. (44)

Foi preciso que depois da expulsão dos jesuitas a imperatriz Maria Thereza tomasse sob o seu patrocínio o ensino elementar (1774), empregando nas escolas as riquezas deixadas pela companhia de Jesus.

Compayré, aliás sympathico a esta companhia, reconhece que "das tres grandes partes do ensino, os jesuitas apenas cultivaram com exito a instrução secundaria. Pelo ensino primario elles nada fizeram voluntariamente... Facil é comprehender porque por um lado elles o abdicaram e por outro não foram bem succedidos.

"Dar cuidados á instrução elementar do povo suppões que se odeie a ignorancia e se ame as luzes se creia na obrigação de educar e engrandecer a humanidade pelo desenvolvimento da consciencia individual, bem como na necessidade de formar a consciencia pelo desenvolvimento da intelligencia. Ora os jesuitas não admittem o valor intrinseco da cultura intellectual... Desconfiam della, e a incaram como arma perigosa, que não convem pôr nas mãos de todos. Para Loyola tudo se subordina a fé, e a fé no

42) Nesse anno -- 1573 -- o eleitor de Saxe, João Gorge, ordena que em cada communa se construam escolas, e que os habitantes enviem os filhos a escola segundo a injunção dos parochos.

43) Alguns paizes allemães conservaram desde então (1543) relações tão intimas entre a sacristia e a escola, que até o presente não poderam romper. Nos campos de Hanover, a sacristia e a escola estão reunidos no mesmo edificio—Monnier—*ob. cit.* p. 9—

44) Monnier—*ob. cit.* p. 20

povo não tem melhor salvaguarda do que a sua ignorância. (45)

Ao terminar o seculo 16 estavam em campo os evangelistas ou lutheranos allemães e os jesuitas a trabalhar na obra do ensino. As escolas dos mosteiros se haviam pouco e pouco transformado em cursos secundarios ou theologicos, e as das egrejas cathedraes quasi se extinguiram.

A Reforma Religiosa, abalando os fundamentos tradicionaes das crenças, até então recebidas, dominantes, veio mostrar á Egreja catholica a necessidade de redobrar de esforços e de se apoderar do ensino, como meio de canalisar para ella o escol intellectual, destinado ao governo das nações.

Veremos, no proximo capitulo, como a Companhia de Jesus monopolisou o ensino no Brasil, quaes os seus methodos, extensão e resultados colhidos.

TH. POMPEO

## LIÇÕES DE GYMNASICA

### GYMNASICA MILITAR

#### *Parte preparatoria. Instrucção de recruta.*

A parte de gymnastica de que nos occupamos é a mesma que ensina o Regulamento para a Infantaria de tropas a pé, estando aqui apenas para maior facilidade, reunida em serie de 4 exercicios cada uma. Os exercicios devem ser executados de accordo com os 2 movimentos (inspiração e expiração) que constituem a respiração do homem; tendo por fim educal-o de modo a respirar exclusivamente pelo nariz. Este modo de respirar é extraordinariamente vantajoso, não só porque permite a entrada de ar já aquecido, nos pulmões, evitando depositar-se poeiras e outros detricos na laringe, como tambem conserva em boas condições os órgãos respiratorios.

45) Compayré—obra. cit. V. I. p. 170

A mecanica dos jesuitas foi activa e poderosa, mas nada fez de vivo Michelet.

Cada exercício deve ser executado em 2 tempos: no 1.º tempo leva-se as mãos ao peito ficando os cotovelos na altura dos hombros e as mãos com os dedos unidos na altura do segundo botão da faida.

No 2.º tempo leva-se os braços para a frente ou para cima, conservando-se no 1.º caso na altura dos hombros e no 2.º também destendidos acima da cabeça e as palmas das mãos voltadas uma para outra como se vê na figura. As 2 primeiras series, quer da escola desarmada, quer armada, são executadas com flexão dos braços e as duas ultimas de cada parte com flexão das pernas e do tronco respectivamente; devendo os braços partirem directamente da posição de sentido, para a frente do corpo e para cima da cabeça, sem flexionarem.

A flexão das pernas deve ser feita de maneira que o soldado fique nas plantas dos pés, sentado sobre os calcanhares e o corpo na vertical.

O tronco deve ser flexionado para frente até que as mãos venham tacar ás pontas dos pés; para a retaguarda, tanto quanto permittir a configuração do homem, do mesmo modo se procede no flexionamento para os lados. Esta serie é executada de braços a acima.

Para a execução dos exercicios, quando se tratar de mais de um individuo, é necessario abrir-se intervallos entre elles e augmentar-se a distancia afim de permittir inteira liberdade de movimentos.

Mandar-se-á: Para gymnastica! á direita! ou á esquerda!—estender!

A' voz de advertencia que é: para gymnastica! a primeira fileira dá 2 passos em frente.

A' primeira parte do mandamento, á direita ou á esquerda, todos os homens, menos os do flanco opposto ao que se estende, voltam para o lado indicado e, á 2.ª parte—estender, seguem em frente até distarem dois passos um do outro, retomando depois a frente primitiva.

Executados estes movimentos dá-se a voz de: Para gymnastica, preparar!

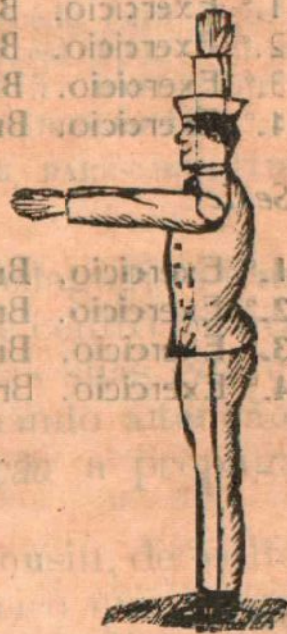
A' voz de: para gymnastica! que constitue o 1.º tempo, o homem traz a arma em diagonal á frente do corpo, indo segural-a com a mão esquerda junto á direita, na altura da segunda braçadeira. No 2.º tempo que é: Preparar! a mão direita abandona esta posição e vae segurar a arma pelo delgado, ficando as duas mãos de unhas para baixo; a perna esquerda acompanhando este movimento da arma vae collocar-se a meio passo ao lado da direita.

JOÃO DE GUSMÃO CASTELLO BRANCO  
Tenente de Infantaria.





Todos os movimentos serão executados de  
acordo com estas figuras



## RESUMO DE GYMNASTICA

### EXERCICIOS SEM ARMAS

#### PARTE PREPARATORIA

#### 1.ª PARTE

##### 1.ª Serie

##### Com flexão dos braços

- 1.º Exercício. Braços á frente.
- 2.º Exercício. Braços acima.
- 3.º Exercício. Braços á frente.
- 4.º Exercício. Braços á frente.

##### 2.ª Serie

- 1.º Exercício. Braços á frente, perna direita á retaguarda.
- 2.º Exercício. Braços á frente, perna esquerda para a frente.
- 3.º Exercício. Braços á acima, perna direita para a direita.
- 4.º Exercício. Braços á acima, perna esquerda para a esquerda.

3.<sup>a</sup> Serie*Sem flexão dos braços*

- 1.<sup>o</sup> Exercício. Braços á frente, flexão das pernas.
- 2.<sup>o</sup> Exercício. Braços acima, flexão das pernas.
- 3.<sup>o</sup> Exercício. Braços á frente, flexão das pernas.
- 4.<sup>o</sup> Exercício. Braços acima, flexão das pernas.

4.<sup>a</sup> Serie

- 1.<sup>o</sup> Exercício. Braços acima, flexão para a frente.
- 2.<sup>o</sup> Exercício. Braços acima, flexão para a retaguarda.
- 3.<sup>o</sup> Exercício. Braços acima, flexão para a direita.
- 4.<sup>o</sup> Exercício. Braços acima, flexão para a esquerda.

## EXERCICIOS COM ARMAS

2.<sup>a</sup> PARTE1.<sup>a</sup> Serie*Com flexão dos braços*

- 1.<sup>o</sup> Exercício. Arma á frente.
- 2.<sup>o</sup> Exercício. Arma acima.
- 3.<sup>o</sup> Exercício. Arma á frente.
- 4.<sup>o</sup> Exercício. Arma acima.

2.<sup>a</sup> Serie

- 1.<sup>o</sup> Exercício. Arma á frente, perna direita á retaguarda.
- 2.<sup>o</sup> Exercício. Arma á frente, perna esquerda á frente.
- 3.<sup>o</sup> Exercício. Arma acima, perna direita ao lado.
- 4.<sup>o</sup> Exercício. Arma acima, perna esquerda ao lado.

3.<sup>a</sup> Serie*Sem flexão dos braços*

- 1.<sup>o</sup> Exercício. Arma á frente, flexão das pernas.
- 2.<sup>o</sup> Exercício. Arma acima, flexão das pernas.
- 3.<sup>o</sup> Exercício. Arma á frente, flexão das pernas.
- 4.<sup>o</sup> Exercício. Arma acima, flexão das pernas.

4.<sup>a</sup> Serie

- 1.<sup>o</sup> Exercício. Arma acima, flexão para a frente.
- 2.<sup>o</sup> Exercício. Arma acima, flexão para a retaguarda.
- 3.<sup>o</sup> Exercício. Arma acima, flexão para a direita.
- 4.<sup>o</sup> Exercício. Arma acima, flexão para a esquerda.

## LIÇÕES DE COUSAS

Ce procédé (des leçons de choses) est vieux comme le monde, il n'est nouveau que dans nos écoles.

MME. PAPE-CARPANTIER

M<sup>me</sup> Pape-Carpantier, abalisada pedagoga franceza, em 67 na Sorbone—actualmente centro da academia universitaria de Paris, fez, nas suas conferencias pedagogicas, propaganda, chamando attenção dos instituidores, que corriam a *Exposição* a propaganda do ensino objectivo.

O preclaro philosopho Victor Cousin, de volta de seu passeio a Allemanha, foi o primeiro que, nas suas *Lettres sur l'instruction primaire*, tratou do utilissimo exercicio, que elle chamou *exercicio do pensamento*, mas a grande educadora, por seu querer forte e energico, forte e expressivo, por sua vontade imperiosa é a autora da grande propaganda, conseguindo os foros de cidade para o futuro ensino.

As lições de cousas tem 57 annos na França, mas na Allemanha já fez o seu centenario, porque é das alvoradas do seculo ultimo, que começou alli a sua vulgarisação. Alli actualmente qualquer professor primario tem competencia para despertar a curiosidade das creanças acordando os sentidos pela observação percuciente, fazendo-a ver, entender, comprehender, tocar em qualquer objecto que se lhes mostre.

Chamando para elle sua attenção, fazendo-a dizer a sua cor, forma, uso, proviniencia e todas as suas propriedades.

M<sup>me</sup> Pape-Carpantier mostrou, logo na sua primeira conferencia, a conveniencia de chamar-se LIÇÕES DE COUSAS e não lições PELO ASPECTO, porque estas envolviam um engano, uma illusão e provava-o com o sol, que parecia girar em torno da terra...

A França já venceu a rotina. A força de inercia

## LIÇÕES DE COUSAS

Le procédé (des leçons de choses) est vieux comme le monde, il n'est nouveau que dans nos écoles.

MME. PAPE-CARPANTIER

M<sup>me</sup> Pape-Carpantier, abalizada pedagoga franceza, em 67 na Sorbone—actualmente centro da academia universitaria de Paris, fez, nas suas conferencias pedagogicas, propaganda, chamando attenção dos instituidores, que corriam a *Exposição* a propaganda do ensino objectivo.

O preclaro philosopho Victor Cousin, de volta de seu passeio a Allemanha, foi o primeiro que, nas suas *Lettres sur l'instruction primaire*, tratou do utilissimo exercicio, que elle chamou *exercicio do pensamento*, mas a grande educadora, por seu querer forte e energico, forte e expressivo, por sua vontade imperiosa é a autora da grande propaganda, conseguindo os foros de cidade para o futuro ensino.

As lições de cousas tem 57 annos na França, mas na Allemanha já fez o seu centenario, porque é das alvoradas do seculo ultimo, que começou alli a sua vulgarisação. Alli actualmente qualquer professor primario tem competencia para despertar a curiosidade das creanças acordando os sentidos pela observação percuciente, fazendo-a ver, entender, comprehender, tocar em qualquer objecto que se lhes mostre.

Chamando para elle sua attenção, fazendo-a dizer a sua cor, forma, uso, proviniencia e todas as suas propriedades.

M<sup>me</sup> Pape-Carpantier mostrou, logo na sua primeira conferencia, a conveniencia de chamar-se LIÇÕES de COUSAS e não lições PELO ASPECTO, porque estas envolviam um engano, uma illusão e provava-o com o sol, que parecia girar em torno da terra etc.

A França já venceu a retina. A força de inercia

## LIÇÕES DE COUSAS

Ce procédé (des leçons de choses) est vieux comme le monde, il n'est nouveau que dans nos écoles.

MME. PAPE-CARPANTIER

M<sup>me</sup> Pape-Carpantier, abalisada pedagoga franceza, em 67 na Sorbone—actualmente centro da academia universitaria de Paris, fez, nas suas conferencias pedagogicas, propaganda, chamando attenção dos instituidores, que corriam a *Exposição* a propaganda do ensino objectivo.

O preclaro philosopho Victor Cousin, de volta de seu passeio a Allemanha, foi o primeiro que, nas suas *Lettres sur l'instruction primaire*, tratou do utilissimo exercicio, que elle chamou *exercicio do pensamento*, mas a grande educadora, por seu querer forte e energico, forte e expressivo, por sua vontade imperiosa e a autora da grande propaganda, conseguindo os foros de cidade para o futuro ensino.

As lições de cousas tem 57 annos na Franca, mas na Allemanha já fez o seu centenario, porque é das aloradas do seculo ultimo, que começou alli a sua vulgarisação. Alli actualmente qualquer professor primario tem competencia para despertar a curiosidade das creanças acordando os sentidos pela observação percuciente, fazendo-a ver, entender, comprehender, tocar em qualquer objecto que se lhes mostre.

Chamando para elle sua attenção, fazendo-a dizer a sua côr, forma, uso, proviniencia e todas as suas propriedades.

M<sup>me</sup> Pape-Carpantier mostrou, logo na sua primeira conferencia, a conviniencia de chamar-se LIÇÕES de COUSAS e não lições PELO ASPECTO, porque estas envolviam um engano, uma illusão e provava-o com o sol, que parecia girar em torno da terra...

A Franca já venceu a retina. A força de inercia

sentiu-se abalada e foi jogada para o passado. Já hoje qualquer professor francez sabe fazer o seu dever, tem a facilidade do teutão.

**VERBALISMO** era a chaga que em 72 M. Breal articulava contra o ensino francez em todos os grãos, do primario ao superior. [Instruction publique en France, p. 106].

Pestalozzi, senhor de todo saber de seu seculo, um verdadeiro poço de sciencia, muito concorreu para o alargamento d'este ensino. Seus discipulos iam para aula, quasi de mão abanando, sem livros e sem cadernos. Somente um lapis e um quadro preto, tirando de suas lições grande aproveitamento. O mestre tomava um objecto, decompunha-o em todas as suas partes, disendo os nomes de todas ellas e depois recompunha-o com todas as explicações precisas e as creanças com a sua innata curiosidade ficavam sabendo, fixando na memoria toda aquella bella lição. Isto é o que se chama saber ensinar. O menino tem grande interesse, summa curiosidade á vista de qualquer objecto.

As escolas allemãs e francezas costumavam ter quadros coloridos de animaes, de plantas, de machinas etc.

E estas imagens tem poderosa influencia sobre os espiritos simples e incultos, dos que se iniciam na difficil jornada da vida.

Lá, longe, muito longe, nas madrugadas da evolução, ainda no seculo oitavo, contam os historiadores factos quasi inverosimeis de grandes conquistas dos maravilhosos apóstolos dos slavos, S. Cyrillo e S. Methodo, que com simples imagens faziam conversões, a cargas serradas, de multidões, cujas almas candidas e rudes piamente acreditavam no que lhes mostravam aquelles apóstolos.

E no Brazil? E no Ceará? Tratar-se-ha de uma novidade nova? Não, porque RUY BARBOZA, o grande vulgarizador das grandes idéas, o brasileiro,

sentiu-se abalada e foi jogada para o passado. Já hoje qualquer professor francez sabe fazer o seu dever, tem a facilidade do teutão.

VERBALISMO era a chaga que em 72 M. Breal articulava contra o ensino francez em todos os grãos, do primario ao superior. [Instruction publique en France, p. 106].

Pestalozzi, senhor de todo saber de seu seculo, um verdadeiro poço de sciencia, muito concorreu para o alargamento d'este ensino. Seus discipulos iam para aula, quasi de mão abanando, sem livros e sem cadernos. Somente um lapis e um quadro preto, tirando de suas lições grande aproveitamento. O mestre tomava um objecto, decompunha-o em todas as suas partes, disendo os nomes de todas ellas e depois recompunha-o com todas as explicações precisas e as creanças com a sua innata curiosidade ficavam sabendo, fixando na memoria toda aquella bella lição. Isto é o que se chama saber ensinar. O menino tem grande interesse, summa curiosidade á vista de qualquer objecto.

As escolas allemãs e francezas costumavam ter quadros coloridos de animaes, de plantas, de machinas etc.

E estas imagens tem poderosa influencia sobre os espiritos simples e incultos, dos que se iniciam na difficil jornada da vida.

Lá, longe, muito longe, nas madrugadas da evolução, ainda no seculo oitavo, contam os historiadores factos quasi inverosimeis de grandes conquistas dos maravilhosos apóstolos dos slavos, S. Cyrillo e S. Methodo, que com simples imagens faziam conversões, a cargas serradas, de multidões, cujas almas candidas e rudes piamente acreditavam no que lhes mostravam aquelles apóstolos.

E no Brazil? E no Ceará? Tratar-se-ha de uma novidade nova? Não, porque RUY BARBOZA, o grande vulgarizador das grandes idéas, o brasileiro,

único, ou quasi único de reputação mundial, em 86 traduziu para o vernáculo, da 40 edição, adoptando as primeiras LIÇÕES DE COUSAS de CALKINS que, na grande EXPOSIÇÃO DE PHILADELPHIA teve na commissão franceza, composta de notabilidades do ensino — o ruidoso nome de primeiro livro do ensino elementar.

Mas a rotina levantou logo deixando até hoje o grande livro, verdadeiro monumento, na sua primeira edição....

Mas é preciso reagir e reagir com toda energia, com força de quem quer e pode. E' preciso dar um passo certo e seguro, util e progressivo, atirando para o passado a rethorica, que mata, todo formalismo, todo verbalismo, e a phrase feita. Neste momento para aonde a gente se vira encontra-se defronte uma liga contra o analphabetismo. Pois é preciso tomar a moção pelos cabellos não deixal-a escarpar-se. E' preciso que a educação seja certa e segura, começando pelo começo, sem risco ou perigo de refazel-a mais tarde inaugurando o regime das LIÇÕES DE COUSAS.

Carece; na era da positividade ser positivo, fazer o ensino intuitivo da doutrina do real.

PEDRO DE QUEIROZ

## REVISTA PEDAGOGICA

Foi-nos offerecido pelo professor Francisco Loureiro o primeiro volume da Revista Pedagógica, publicação bimestral da Escola de Aprendizizes Artífices do Ceará a cargo do illustrado director da mesma Escola, dr. Carlos Torres Camara.

Do seu programma se depreheende um intuito muito nobre e delicado, do qual é muito justo esperar um exito completo, dados o caminho e a vocação característicos do educador.

A Revista Pedagógica que temos sobre a mesa, é destinada á vulgarização de todas as boas doutrinas que se relacionem com



unico, ou quasi unico de reputação mundial, em 86 traduziu para o vernaculo, da 40 edição, adoptando as primeiras LIÇÕES DE COUSAS de CALKINS que, na grande EXPOSIÇÃO DE PHILADELPHIA teve na commissão franceza, composta de notabilidades do ensino — o ruidoso nome de primeiro livro do ensino elementar.

Mas a rotina levantou logo deixando até hoje o grande livro, verdadeiro monumento, na sua primeira edição.....

Mas é preciso reagir e reagir com toda energia, com força de quem quer e pode. E' preciso dar um passo certo e seguro, util e progressivo, atirando para o passado a rethorica, que mata, todo formalismo, todo verbalismo, cancellar a phrase feita. Neste momento para aonde a gente se vira encontra-se defronte uma liga contra o analphabetismo. Pois é preciso tomar a moção pelos cabellos não deixal-a escarpal-se. E' preciso que a educação seja certa e segura, começando pelo comeco, sem risco ou perigo de refazer-a mais tarde inaugurando o regime das LIÇÕES DE COUSAS.

Carece, na era da positividade ser positivo, fazer o ensino intuitivo da doutrina do real.

PEDRO DE QUEIROZ

---

## REVISTA PEDAGOGICA

Foi nos offerecido pelo professor Francisco Loureiro o primeiro volume da Revista Pedagógica, publicação bimestral da Escola de Aprendizes Artífices do Ceará a cargo do illustrado director da mesma Escola, dr. Carlos Torres Camara.

Do seu programma se depreheende um intuito muito nobre e delicado, do qual é muito justo esperar um exito completo, dados o caminho e a vocação característicos do educador.

A Revista Pedagógica que temos sobre a mesa, é destinada á vulgarização de todas as boas doutrinas que se relacionem com

instrucção popular, ensino tecnico profissional e educação civica e moral.

Conforme o seu titulo, a Revista dedica-se á propaganda da pedagogia moderna, sciencia e divulgação dos novos metodos de ensino adoptados no Estado de S. Paulo".

(Do *Diario da Manhã* de Victoria).

"Por intermedio do nosso collega de imprensa, Dr. Mozart Monteiro, recebemos o segundo fasciculo, volume 1.º, da "Revista Pedagogica" interessante publicação bi-mestral da Escola de Aprendizizes Artifices do Ceará. E' o seu sumario desenvolvido, figurando nelle artigos sobre literatura didactica, hymnos escolares, leituras civicas, disciplina escolar, ensino tecnico profissional, hygiene escolar e assumptos diversos".

(D'A Noite, do Rio).

"Recebemos o segundo fasciculo desta util e bem organizada publicação, organ bi-mestral da Escola de Aprendizizes Artifices do Ceará.

Dirige-a o competente cearense, sr. Carlos Camara que lhe tem sabido imprimir uma feição moderna e mui sympathica.

Illustram a «Revista Pedagogica» diversas gravuras nitidamente impressas.

O trabalho material é executado nas proprias officinas da Escola de A. Artifices, e por elle se faz uma avaliação justa do real aproveitamento dos alumnos que ali se dedicam á profissão das artes graphicas.

Collaboram neste segundo tomo da revista o dr. Barão de Studart, Juvenal Galeno, dr. Luiz Correia, prof. Odorico C. Branco, dr. Aurelio de Lavour, Alcides Montano, dr. Thomaz Pompeu e diversos outros intellectuaes patrioticos.

A «Revista Pedagogica», como se vê, offerece aos leitores a mais variada collaboração, além de bellos artigos patrioticos lançados pela redacção e noticiario selecto e desenvolvido.

Auguramos longa existencia a tão util repositorio de excellentes trechos literarios e instructivos ensinamentos.

Cada fasciculo custa 500 réis, achando-se exposto á venda na Livraria Ribeiro, á rua Major Factundo".

(Do «Correio do Ceará»)

"O illustre Sr. Carlos Camara teve a gentileza de nos enviar o segundo numero da "Revista Pedagogica", publicada pela Escola de Aprendizizes Artifices, de que é esforçado director.

O numero actual, pelos interessantes trabalhos que contem, merece ser lido por todos os cearenses que visam o nosso engrandecimento pela instrucção.

As «Leituras Civicas» do illustrado dr. Luiz Correia, escriptas em linguagem accessivel ao espirito em formação das creanças, constituem um trabalho valiosissimo para a educação

cívica infantil. Muito desejariamos que fossem lidas em nossas escolas primarias para conhecimento dos factos gloriosos da historia nacional.

O trabalho do dr. Auralio de Lavour, nosso director politico, sobre Hygiene Escolar, encerra verdades que deviam estar sempre vivas no espirito dos governos e particulares.

Muito curioso é tambem o estudo iniciado sobre a evoluçãõ do ensino primario no Ceará, em que o illustre polygrapho cearense dr. Thomaz Pompeo mais uma vez revela o seu amor por tudo quanto diz respeito ao movimento intellectual cearense. E' uma collaboraçãõ utillissima para quem deseja conhecer a acçãõ dos poderes publicos na questãõ da instrucçãõ popular. Ha, alem dos trabalhos acima enumerados, uma apreciaçãõ muito judiciosa da propaganda que se vem fazendo ultimamente entre nós, em favor da instrucçãõ primaria, da pena do sr. Alcides Montano um dos mais competentes cearenses em questões pedagogicas.

Com a devida venia, transcrevemo-lo como resposta ao indifferentismo ou repulsa de alguns collegas de imprensa á campanha contra o anaiphabetismo.

REVISTA PEDAGOGICA DA ESCOLA DE APENDIZES ARTIFICES DO CEARA', FORTALEZA, 1917—A obra genial de Nilo Peçanha creando as Escolas de Aprendizices Artifices está produzindo os seus effeitos salutarissimos, aliás esperados do alcance immensuravel que tivera essa inspiraçãõ patriótica e grandiosa, do brasileiro illustre que tanto fulgor imprimira á administração da Republica e que hoje desenvolve capacidade maxima de trabalho á frente da chancellaria brasileira, em um difficil momento da politica internacional.

De uma dessas escolas constituem, duvida não haja, a mais bella creação democratica da Republica, surgiu recentemente um fructo que poderá ter a sua precocidade, mas que nem por isso é elle menos digno de ser saboriado pelo paladar intellectual dos nossos tempos.

Trata-se da Revista da Escola de Aprendizices Artifices do Ceará, cujo primeiro fasciculo temos em mão.

E' uma brochura nitidamente impressa nas proprias officinas da referida escola e contendo um summario digno de ser o texto lido e meditado pelos senhores professores—essa legião de benemeritos que constituem o magisterio nacional.

Como uma distincta nota de apreço á memoria de um grande parahybano que se afogou na voragem do tunulo, a alludida revista estampa um retrato do inesquecivel padre Rolim, esse mallogrado sabio que morreu alli humildemente no seu vo-

luntario retiro de Cajazeiras e sobre o qual esta folha publicou, ha annos, firmados pela rutilante penna de Abel da Silva, os primeiros traços biographicos até então vistos em lettras de forma. Depois, novos trabalhos foram publicados sobre a vida do grande apóstolo da sciencia.

Com um empenho absolutamente pratico a revista de que nos estamos occupando insere variados trabalhos de ordem technica e profissional, tornando-se os seus ensinamentos grandemente uteis para os que, entre nós se dedicam a essas cousas de pedagogia, couzas tão desprezadas ainda mais que se hão de tornar necessariamente, no futuro o ideal quase abservente de todôs do mesmo culto.

Com as nossas felicitações ao sr Carlos Camara, ope-roso e intelligente director da Escola de Aprendizes Artifices do Ceará conhecido e cultor das lettras, vão os nossos votos pela prosperidade da nova revista, cuja visita agradecemos aconselhando a sua leitura util aos que se envolvem com assumptos praticos do ensino nacional.

---

(Esta noticia sobre a *Revista Pedagogica* foi transcripta da *União*, da Parahyba, e, a que a precede, do *Diario do Estado*, desta capital).

# EXPEDIENTE

...a correspondência relativa a de-  
...STA PEDAGÓGICA deverá ser dirigida  
...Teresa Casana, Director da Es-  
...de Aprendizagem Artística do Centro

500 res

...LIVRARIAS RIBEIRO  
...e ARANHA

## EXPEDIENTE

---

Toda a correspondencia relativa á **REVISTA PEDAGÓGICA** deverá ser dirigida a **CARLOS TORRES CAMARA**, Director da **Escola de Aprendizes Artifices do Ceará**

Fasciculo 500 reis

A' venda nas **LIVRARIAS RIBEIRO**  
e **ARARIPE**



OFF. DA ESCOLA DE APREN-  
DIZES ARTIFICES DO CEARA'